

## Luz, Câmera, Estereótipo – Ação! A representação do autismo nas séries de TV

LUCELMO LACERDA\*

### Resumo

O Transtorno do Espectro do Autismo é uma condição que atinge um número crescente de pessoas, assim, sua representação social diz respeito à parcela substancial da sociedade. O presente estudo oferece uma análise da Representação Social do autismo nas séries de TV a partir da semiótica, especificamente da noção de mitologia em Roland Barthes. As séries observadas e analisadas foram *Parenthood*, *The Bridge*, *Alphas* e *Touch*. Verificou-se alguns temas persistentes e também a reiteração de estereótipos.

**Palavras-chave:** Autismo; Representação; Mídia; Estereótipo.

### Abstract

Autism Spectrum Disorder is a condition that affects a growing number of people, so their social representation concerns substantial portion of society. This study provides an analysis of the Social Representation of autism in the TV series from semiotics, specifically the notion of Mythology in Roland Barthes. We observed and analysed the series *Parenthood*, *The Bridge*, *Alphas* and *Touch*, it was found some persistent themes and also the repetition of stereotypes.

**Key words:** Autism; Representation; Media; Stereotype.



\* LUCELMO LACERDA é Doutor em Educação pela PUC-SP e especialista em Educação Inclusiva



### Introdução

O Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) é uma condição diagnosticada na segunda metade do século XX e tem atraído interesse crescente de diversos campos do conhecimento como a educação, a medicina e a psicologia. Um dos motivos fundamentais desta curiosidade é a epidemiologia que apresenta uma proporção cada vez maior de autistas na contemporaneidade.

A Representação Social do autismo se torna, portanto, um objeto de crescente interesse, pois está diretamente ligada à construção da identidade pública e social de um considerável contingente de crianças e adultos e com repercussão em suas famílias e círculos sociais.

Essas representações se expressam em diversas maneiras. Uma das mais mobilizadoras são as mídias. Neste contexto, nos últimos anos, tem havido um notório destaque nas séries de TV como um elemento entre os mais dinâmicos nas mídias.

Escolhemos analisar a representação do autismo nas séries de TV promovendo um recorte fundamentado nos seguintes critérios: a) consideramos altamente arbitrário que distribuíssemos diagnósticos de autismo mediante características observadas nas séries, de modo que nos limitamos a personagens

apresentados no texto da série ou por nota oficial da emissora, como autistas; b) nos limitamos às séries que possuíam personagem autista permanente, sem nos ater àquelas em que um personagem autista aparecia por um tempo limitado; c) restringimos nossa análise às primeiras temporadas das séries para que houvesse uma simetria no material analisados de cada personagem, já que as séries possuem diferentes quantidades de temporadas (de 1 a 6) e porque entendemos que não haveria prejuízo da análise posto que as séries de TV possuem uma estrutura dramática que tende a reiterar as construções narrativas nas várias temporadas; e d) Nos focamos nas séries estadunidenses, por serem de maior impacto no mundo.

Aplicados estes critérios chegamos às séries *Parenthood* (2009), *Touch* (2012), *Alphas* (2012), e *The Bridge* (2013).

O propósito deste trabalho é analisar a constituição destes personagens em toda sua complexidade e construir que significação se apresenta ao espectador, uma vez que “[...] a realidade que aparece na tela não é jamais totalmente neutra, mas sempre o signo de algo mais, num certo grau [grifos do original]” (MARTIN, 1990, p. 18).

A semiótica, como ciência universal dos signos, oferece os recursos necessários

para que a complexa oferta sensorial e intelectual do episódio seriado seja reconhecido e decomposto na esfera analítica e serve, neste trabalho, para o processo de análise do processo de construção daquilo que Goffman (1988) chama de *Identidade Social Virtual*, que é o imaginário que sustenta nossa expectativa de interação com outrem, com o qual aprenderemos, eventualmente, sua *Identidade Social Real*, mais ou menos distante de sua antecessora, dependendo do processo de construção das representações do sujeito e/ou dos grupos com os quais é identificado. Não obstante, conforme Glat (1995), quanto mais deformada esta visão inicial, quanto a mais a identidade do sujeito for representada por somente uma parte de sua existência real, portanto, mais realmente estigmatizada for, menor são as chances de um autêntico contexto de inclusão. Isto é, a inclusão como condição concreta de comunicação e locomoção acessíveis, depende de um cenário subjetivo que lhe oferece o contexto necessário para sua consecução, daí o papel central dos meios de comunicação de um modo geral e, como instrumental, aqui, da semiótica como ferramenta de investigação deste ambiente subjetivo.

Não existe ainda uma bibliografia sistemática sobre o *momentum* contemporâneo vivido pelas séries de TV. Contudo, dois elementos permitem que nos utilizemos da produção teórica constituída especialmente na discussão cinematográfica. O primeiro deles é o reconhecimento de que nos últimos anos as séries de TV têm sido um importante produto de mídia. Multiplicado quase infinitamente por canais e estúdios, as séries são as vedetes do desenvolvimento contemporâneo dos *media*. O segundo elemento é a crescente superação das separações esquemáticas de produtos

audiovisuais em categorias estanques em decorrência do processo de convergência midiática, que ocorre, por um lado, promovendo a recepção de várias linguagens em diversos suportes, como um *smartphone*, que pode ser utilizado para ligar, fazer teleconferência, assistir filmes, séries e televisão. Por outro lado, também permite uma diversificação de suporte, pois surgem diversas outras plataformas por meio das quais se pode acessar esses diversos conteúdos, antes segmentados (JENKINS, 2006).

### O Autismo, condição mitificada

Obviamente muito poderia ser dito sobre o autismo, mas no que nos interessa nesse trabalho, nos limitamos a algumas informações elementares e que se relacionam direta ou indiretamente com a construção dos personagens das séries analisadas.

Segundo a 5ª edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM<sup>1</sup> V, que é o manual da Associação Americana de Psiquiatria que orienta os diagnósticos mentais em todo o mundo, o Transtorno do Espectro do Autismo é caracterizado por dois elementos: a) prejuízo na comunicação/interação, que pode se expressar em ausência completa de linguagem ou limitação de variados níveis em seu uso e outros modos de perturbação na interação social, como a dificuldade de manter uma conversa, a manutenção de interesses perseverantes e dificuldade de compreender os interesses de outrem, inclusive com incapacidade ou dificuldade em distinguir expressões faciais de alegria, tristeza, medo, etc.; e b) presença de comportamento repetitivo e/ou

<sup>1</sup> A literatura especializada convencionou a utilização da sigla do documento em inglês *Diagnostic Statistical Mental* (SENA, 2014; ARAUJO & NETO, 2014).

estereotipado, como girar, movimentar o tronco para frente e para trás, balançar as mãos reiteradamente, auto e hétero agressão, entre outros.

Desde o ponto de vista cognitivo, fator determinante na interação social é a Teoria da Mente, prejudicada no sujeito com TEA. Trata-se da capacidade de se reconhecer o outro como portador de uma mente distinta de si. Conforme as pesquisas de Baron-Cohen *et al* (1985), a pessoa com TEA tem uma dificuldade específica em compreender o estado mental intencional de outrem. A execução da experiência denominada “A tarefa de Sally”<sup>2</sup> demonstrou que crianças (que não estão no espectro autístico) de 4 anos e pessoas com Síndrome de Down foram recorrentemente bem sucedidas na compreensão da mente de Sally, enquanto cerca de 80% dos autistas falharam.

Além da dificuldade com a Teoria da Mente, há outros fatores que prejudicam a interação social do autista. Um fator saliente neste ponto é o desenvolvimento da linguagem, que pode ser problemático para o autista.

No interior do diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista foram assimiladas diversas condições um pouco distintas e antes compreendidas separadamente. Uma dessas condições, a Síndrome de Asperger, era considerada, até a publicação do

---

<sup>2</sup> Experiência elaborada por Wimmer e Perner (1983) em que são colocadas duas bonecas e um recipiente em frente a cada uma. A boneca Sally coloca então uma bolinha de gude em seu recipiente e sai. A outra boneca pega sua bolinha e coloca em seu próprio recipiente. Quando Sally volta, o aplicador pergunta à criança onde Sally procurará a bolinha, em seu recipiente, onde a deixou (o que denota presença da Teoria da Mente) ou no recipiente em que de fato está, mas que Sally não poderia prever, pois estava fora quando foi colocada.

Manual Diagnóstico da Associação Americana de Psiquiatria, o DSM V, como um diagnóstico separado e foi incorporado sob protestos de movimentos sociais ligados ao tema. O sujeito com Asperger tem uma inteligência média ou acima da média (a maioria dos autistas possuem inteligência degradada) e geralmente não possui dificuldades com a linguagem, quando cerca de 30% dos autistas não falam, mesmo na vida adulta. Mas dentro do mesmo arcabouço foram incorporados diagnósticos diferenciais mais incapacitantes como o antigo Transtorno Desintegrativo da Infância ou o Autismo Clássico, dois quadros com maior comprometimento da fala e comportamento estereotipado. Hoje, portanto, temos o Transtorno do Espectro do Autismo, dividido unicamente em níveis de comprometimento, são os níveis 1, 2 e 3, sem diagnósticos diferenciais dentro do transtorno.

### O autismo nas séries

Primeiramente passemos a uma breve apresentação das séries selecionadas para análise em conformidade com o conjunto de critérios que apresentamos.

*Parenthood* é uma série de drama e comédia, de 6 temporadas, produzida pela NBC. O enredo enfoca uma família extensa a partir do casal Braverman. Além de matriarca e patriarca, há 4 filhos, já adultos. Na terceira geração se encontra o personagem autista Max Braverman, que é diagnosticado no segundo episódio como Síndrome de Asperger. Ele possui uma irmã considerada inteligente e bonita e um pai empresário e mãe dona de casa. Grande parte da série transcorre na tentativa de que Max faça coisas convencionais, como jogar baseball e comer sem idiosincrasias, enquanto o mesmo insiste em priorizar outras

atividades e se alimentar de uma dieta específica na forma e conteúdo.

*Touch* é uma série de ação do canal Fox, de 2 temporadas, sobre um menino autista e que não fala, mas é fissurado em certas sequências numéricas que aparecem todo o tempo. Descobre-se que o personagem não é o único obcecado pela mesma sequência de números, na verdade ele faz parte de um grupo de pessoas, os 36 justos, da qual o personagem cuja condição autista é apresentada no primeiro episódio, Jake Bohm, faz parte. Eles têm acesso a uma espécie de algoritmo que pode compreender o passado, presente e futuro do universo, e que também dá pistas para a correção de eventuais desvios. A série apresenta a persistente perseguição das correções do universo apontadas pelos números enquanto Jake e seu pai fogem de uma corporação que pretende usar a capacidade dos justos para ganhar dinheiro. A estrutura dos episódios é sempre muito semelhante. No começo o pai observa que o filho escreve ou aponta para certos números e eles passam a aparecer em ônibus, casas, papéis, entre outros. Ao seguir esses números o pai de Jake salva pessoas, evita tragédias e coisas afins.

*Alphas* é uma série de ação do canal SyFy, com 2 temporadas apenas, que se passa em um mundo em que parte das pessoas possui capacidades especiais, são os alfas. Há pessoas com “super-força”, outros com “super-sentidos”, outros com uma “super-mira”, os que leem pensamentos, entre outros. Na trama, Gary Bell é um personagem autista, como ele mesmo se apresenta, é também um alpha que vê e interpreta ondas invisíveis como eletromagnetismo, Wi-Fi e rede de celular, podendo ligar, acessar Internet ou assistir TV sem nenhum aparelho para essas atividades. A trama apresenta

o conflito entre dois grupos de pessoas com superpoderes, ou alfas, o grupo de protagonistas serve ao governo dos EUA e tenta criar um mundo de convivência entre alphas e humanos e o outro grupo de antagonistas pretende exterminar os humanos, estrutura claramente inspirada nos X-Men.

*The Bridge* é uma série de investigação do canal FX, em duas temporadas, inspirada em uma série norueguesa. A trama apresenta a cooperação entre as polícias de El Paso – EUA e Juárez – MEX na investigação de uma série de crimes. A policial estadunidense Sonya Cross e tem que trabalhar junto com o mexicano Marco Ruíz e lidar com testemunhas e investigados ligados a acusações de tráfico de drogas e assassinatos. Durante a série, é bastante saliente sua maneira idiossincrática de lidar com as pessoas, mas sua condição de autista somente pode ser afirmada por meio da emissão de nota da emissora FX.

Todas as séries possuem características próprias, distintivas umas das outras. Procuramos, contudo, elementos que possivelmente ligassem os personagens autistas, que caracterizassem sua construção. A primeira tarefa neste processo é refletir sobre a relação entre o personagem fictício (na linguagem audiovisual) e o que ele representa na reciprocidade com o real.

[...] toda imagem é mais ou menos simbólica: tal homem na tela pode facilmente representar a humanidade inteira. Mas sobretudo, porque a generalização se opera na consciência do espectador, a quem as ideias são sugeridas com uma força singular e uma inequívoca precisão pelo choque das imagens entre si: é o que se chama de montagem ideológica. (MARTIN, 1990, p. 23)

Pode-se dizer que toda a montagem é ideológica na medida em que conforma uma representação intencional, editada conforme crenças (ideologias) do diretor. Todo produto audiovisual, em sua conformação final é uma forma particular, partidária, pelo simples motivo de excluir outras formas possíveis.

Pretendendo ou não uma aproximação realista e verossimilhante, a imagem fílmica tem, em sua gênese, uma ambivalência fulcral, pois resulta “de um aparelho técnico capaz de reproduzir exata e objetivamente a realidade que lhe é apresentada, mas ao mesmo tempo essa atividade se orienta no sentido preciso desejado pelo realizador” (MARTIN, 1990, p. 21) e é este o elemento investigado, o preciso sentido desejado pelo realizador. Não obstante, pensamos ser possível entrever um desejo mais amplo, compartilhado por uma gama de realizadores, expressando possivelmente uma idealização coletivamente latente acerca do autismo.

Um primeiro aspecto que nos chama atenção em duas das séries analisadas é a quase ausência do que podemos denominar de metarrepresentação. Isto é, o conteúdo das séries pouco ou nada falam no autismo, ele aparece sempre como um conteúdo latente e como recurso de interpretação comportamental, mas permanece muitas vezes fora do universo do discurso verbal.

Em *The Bridge*, a personagem Sonya Cross só pode ser atestada indubitavelmente como autista devido a uma nota da emissora que a produz, pois em duas temporadas de série em nenhum momento a palavra “autismo” ou outra correlata aparece. As pessoas conhecem a personagem e explicam seu comportamento com generalidades, o

detetive Timmy a considera “louca” (ep. 01) e o personagem Ruíz se confunde: “Não sei se está louca ou se é porque é gringa” (ep. 01), mas ao fim do dia a define como “diferente” (ep. 02), outro personagem, não nomeado, a considera “estranha” (ep. 04). Por outro lado, também pôde-se encontrar um eufemismo, utilizado pela secretária da delegacia de El Paso, que informa a Ruíz que “Ela é uma pessoa... interessante” e recebe um “eu já percebi” como resposta (ep. 01).

A única referência mais explícita ao autismo na série é pejorativa e ocorreu no episódio 08, na ocasião em que Cross trabalha com uma hipótese investigativa que contraria os demais detetives e Timmy pergunta publicamente até quando aquela *savant* será tolerada. Savantismo é uma característica que uma minoria de autistas apresenta e que fornece ao sujeito uma ilha de habilidade excepcional, tais como ouvido absoluto, capacidade de memória descomunal (no caso mais popular um sujeito decorou mais de 40 mil livros), entre outros (TAMMET, 2007). Timmy recebe olhares fortemente reprobatórios de todos no entorno e Cross fica agitada e aparentemente envergonhada.

Em *Touch*, somente o primeiro episódio informa, em uma só passagem, que Jake é autista, essa condição, que é base para diversos comportamentos de Jake, não é citado nenhuma só vez posterior. Ao pesquisar, na internet sobre a ausência de fala de Jake, o pai da criança utiliza somente o descritor “mutismo”, sem associação ao autismo. A forma distinta de comportamento de Jake parece ser compreendida como convencional pelas demais pessoas sem jamais chegarem a perguntar porque o personagem não fala ou não possui comportamentos sociais desenvolvidos.

Em *Alphas*, o autismo é apresentado pelo próprio Gary, personagem autista, que informa que é “32 na escala CARS” (ep.05) em resposta a um personagem que o chamou de retardado. Fala-se também em autismo no episódio 04 em que outra personagem (temporária) é apresentada como “autista severa” e com apraxia, ou seja, que não fala.

*Parenthood*, por sua vez, tem a *Síndrome de Asperger* como um tema forte e recorrente. A trajetória dos pais de Max em relação a ele pode ser descrita como de desconfiança (devido ao alerta da escola), diagnóstico e busca de intervenção. A condição de Max é então um tema que permeia todos os episódios.

Como podemos entender essa majoritária ocultação da condição autística dos personagens? Aliás, não se trata exatamente quase sempre de uma ocultação, já que só em *The Bridge* o autismo realmente nunca é mencionado, parece algo mais como um posicionamento da condição em uma escala secundária, um jogo em que o personagem não tem certas de suas características explicadas como sintomas do TEA, mas como contrapontos de um caráter quase místico de elevação e afastamento do mundo.

A partir deste ponto é que nos parece adequado nos aprofundarmos na questão central, o autismo como mito.

Roland Barthes argumenta, sobre o significante mítico:

Nele [no mito], a forma permanece vazia, mas presente; o sentido, ausente e, no entanto, pleno. Só poderei me surpreender com esta contradição se suspender voluntariamente este torniquete de forma e sentido, se focalizar cada um deles como um objeto distinto do outro e se aplicar ao mito um

processo estático de decifração, em suma, se contrariar a sua dinâmica própria; numa palavra, se passar da situação de leitor do mito à situação de mitólogo (BARTHES, 2003, p. 215)

O torniquete que mensura e dispõe os elementos da forma compõe uma significação mitificada, não pela ocultação da realidade e nem mesmo pela invenção fantasiosa, mas pela *deformação* da realidade, é esta a ação mistificadora. Não é que o autista representado nestas séries não seja aquele que corresponda à nossa percepção no acesso material aos sujeitos nesta condição, “é que o mito é uma fala *roubada e restituída* [grifos do original]” (BARTHES, 2003, p. 217) e ao voltar, esta fala não é repostada em seu lugar exato e este momento furtivo de falsificação propõe (impõe) uma versão mítica do objeto.

Há ao menos dois movimentos simultâneos na representação do autismo nas séries de TV: a) o sujeito autista é decupado e lhe são retiradas (ou quase) o que de sujeito há nelas; e b) a condição autística se apresenta como uma elevação perante os demais humanos.

Em tratando do primeiro ponto, é notório como as séries em questão, no primeiro ou primeiros episódios, apresentam seus personagens centrais. Uma busca rápida na internet, em sites como Wikipédia e outros portais de conhecimento genérico vão apontar certas características do autismo que são justamente aquelas apresentadas nesses episódios. Idiossincrasias, elementos complexos que compõem a psique de qualquer sujeito comum são substituídos por características usuais do autismo como incapacidade de contato visual (todas as séries), prejuízo na teoria da mente (todas as séries),

prejuízo na manutenção de diálogo (todas as séries), entre outros.

Pode-se dizer com certeza que não há autistas iguais, a limitação da experiência social no sujeito com TEA dificulta a homogeneização comportamental, fazendo com que cada qual desenvolva um comportamento próprio, totalmente particular e controlado por contingências radicalmente distintas. Contudo, os autistas representados nestas séries “abdicam” de qualquer particularidade, sendo muito aproximados a um tipo ideal “autista”.

As limitações próprias do autismo e representadas nestes processos de apresentação dos personagens têm uma dupla função, por um lado de oferecer um herói deficiente, sendo a deficiência tratada como um desalojamento e afastamento do mundo, uma condição que mais acentua o contraponto da genialidade e é uma tópica da literatura bastante usual do período do romantismo (GRAMMONT, 2008). Os sujeitos são destituídos de personalidade própria e possuem quase nenhuma fala, não sendo sujeitos, mas objetos da história, como bem representado na série *Parenthood*, na qual o personagem é quase sempre visto ao fundo, agindo enquanto os pais dialogam, ou em um diálogo quase exemplificativo da fala anterior parental, ele é inteligente e quase sempre engajado em seu assunto perseverante de insetos. Mas quando constituem sujeito essencial do enredo, como em *The Bridge*, *Alphas* e *Touch*, nada se pode falar de qualquer um destes como indivíduo, como sujeito particular, qualquer descrição destes personagens será, de fato, a descrição de um autista genérico.

Sonya Cross é inteligente, dedicada, possui um ângulo particular (invariavelmente correto), de focar as

investigações. Contudo, é atrapalhada por sua falta de trato decorrente de falhas de comportamento próprias do autismo. Gary Bell é inteligente, dedicado e caricaturalmente dedicado a rotinas inflexíveis como dormir certo horário e comer certas coisas, com certas consistências em certos horários e um toque de humor que é dado por seu apego à fala pragmática e dificuldade de alcance à significação metafórica. Jake Bomm é inteligente e diligente com seus números e dedicado às correções do universo decorrente da aplicação destas sequências numéricas, não fala, exceto como narrador, ao espectador, e tem o notório comportamento de andar e correr com os braços junto ao corpo.

Pensamos que a reiteração temática possui o caráter imperativo, o mito “impõe-me sua força intencional” (BARTHES, 2003, p. 216) e “é a insistência num comportamento que revela sua intenção” (BARTHES, 2003, p. 211) que é francamente mistificadora e que unifica um discurso multi-institucional, alcança diversos estúdios e conforma uma representação deformada do autismo nesta que é a mais dinâmica entre as mídias contemporâneas, impondo sua significação à sociedade.

Na transição da Idade Média para o Renascimento, o mundo cultural se modificou drasticamente, surgindo novos modos de perceber o mundo. O gabinete de curiosidades pode ser visto como um protótipo de um mundo das sensações, em que a excitação produzida por “injeções sensuais” de cores, luzes e sons, oferecidos por progressivos meios técnicos, chegando ao ápice contemporâneo das telas eletrônicas, obliteram a experiência reflexiva (TÜRCKE, 2010).

Ao mesmo tempo em que houve a largada inicial e progressiva da

sensação, seu antagonista também ganhou o mundo com o surgimento e ascensão da contemplação monástica com tendências ao isolacionismo e silêncio. A postura de refrear os processos excitatórios parece remeter a uma lógica de produção de uma riqueza interna. Assim, quanto menos movido pelas sensações externas, mais rica e autêntica a vida interna do sujeito, mais elevado seu espírito (TÜRKE, 2010).

Se o monasta escolhia a vida de afastamento e contemplação, na representação mistificadora do autista ele é, por excelência, este sujeito. Quando o “mundo” parece somente uma força brutal de pressão sobre o indivíduo, em tempos de diversificação do mercado até o último grau do produto personalizado, alguém (ou algo, um tipo) se apresenta como uma representação máxima da autenticidade individual. O autista é o que é, nunca o que a sociedade quer que ele seja – é o que diz a representação do autista nas séries de TV. E, ainda assim, ele é igualmente construído pelos meios de comunicação.

Este movimento de afirmação positiva de algum elemento extraordinário do sujeito não é uma exclusividade da representação do autista nas séries, mas o mesmo movimento pode ser observado no cinema:

A pessoa com deficiência não pode ser apenas uma pessoa com deficiência (carga negativa), para que seja aceitável sua participação no grupo precisa apresentar um algo mais, que pode ser expresso em habilidades acima da norma (carga positiva), alcançando o equilíbrio em suas propensões de participação social (SUPLINO, 2010, p. 70).

No entendimento da autora, este processo corresponde ao que Goffman

(1988) chama de mecanismo de compensação, uma forma de organizar as representações de modo arbitrariamente equilibrado.

### Considerações finais

O Transtorno do Espectro do Autismo é, em certa medida, uma novidade. Trata-se de uma condição somente criada/descoberta em meados do século XX e não participa do imaginário social secular transmitido por meio do senso comum pelas gerações no interior da família.

Neste cenário, os Meios de Comunicação de Massa têm um papel fundamental no processo de construção da Representação Social destes sujeitos, que constituem uma parcela significativa das pessoas em todo o mundo e principalmente nos Estados Unidos, onde a estrutura social e clínica permite que o diagnóstico seja realizado. No Brasil a condição também atinge milhões de pessoas, sendo, portanto, sua representação social, de relevo.

As séries analisadas, *The Bridge*, *Parenthood*, *Alphas* e *Touch*, contudo, construíram a representação social dos personagens autistas baseados em características genéricas componentes de qualquer descrição sumária sobre o autismo. Os personagens analisados não podem ser considerados como sujeitos, são esvaziados de personalidade e repletos um preenchimento genérico.

A operação realizada pelos estúdios e diretores das séries não é a de desconhecimento, invenção ou mentira, mas de deformação da realidade, promovendo uma representação mistificadora da condição autística. Aspectos salientes da conduta da pessoa com TEA, como uma propensão ao isolamento, são transmutadas em qualidades quase místicas que remetem

ao monstro herói da literatura romântica.

#### Referências

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION - APA. **DSM-5** – Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais. Porto Alegre: Artmed, 2014.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION – APA. **DSM-IV** – Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais. Porto Alegre: Artmed, 2002.

ARAUJO, A.C. NETO, F.L. A Nova Classificação Americana Para os Transtornos Mentais – o DSM-5. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**. Vol. XVI, no. 1, 67 – 82, 2014, pp. 67-82

BARON-COHEN, S. LESLIE, A.M. FRITH, U. Does the autistic child have a theory of mind? **Cognition** 1985, nº 21, pp. 37-46

BARTHES, Roland. **Mitologias**. Rio de Janeiro: Difel, 2003.

CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia**. ed. 7 São Paulo: Brasiliense, 2008.

GLAT, R. **Questões atuais em educação especial**: a integração social dos portadores de deficiências: uma reflexão. Rio de Janeiro: 7 Letras. v. 1, 1995.

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. trad. Mathias Lambert, Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GRAMMONT, Guiomar. **Aleijadinho e o aeroplano**: o paraíso barroco e a construção do

herói colonial. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2006.

MARTIN, Marcel. **A linguagem cinematográfica**. Trad. de Paulo Neves. São Paulo: Brasiliense, 2003.

SENA, Tito. Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, DSM – 5, Estatísticas e Ciências Humanas: Inflexões sobre normalizações e normatizações. R. **Inter. Interdisc. INTERthesis**, Florianópolis, v.11, n.2, Jul-Dez. 2014, pp.96-117

SUPLINO, I.O. Comunicação e inclusão social: análise das contribuições do cinema para o processo de inclusão social. **Contemporânea**. Ed.16, Vol.8, N3, 2010, pp. 58-73 Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/contemporanea/article/viewFile/799/944> Acesso em 10/02/2017

TAMMET, D. **Nascido em um dia azul**: por dentro da mente de um autista extraordinário. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2007.

TÜRCKE, Christoph. **A sociedade excitada**: filosofia da sensação. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.

WIMMER, H. PERNER, J. Beliefs about beliefs: Representation and constraining function of wrong beliefs in young children's understanding of deception. **Cognition** 1983, n. 13 v. 1, pp. 28-103

Recebido em 2016-10-15  
Publicado em 2017-06-07